

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

A FÍSICA DA STOÁ¹

Rodrigo Pinto de Brito
UFS

RESUMO: Tendo em vista a noção Estoica de filosofia como sistema tripartite e a imbricação entre suas partes, há uma ligação entre a parte física que, de modo geral, diz respeito ao que concerne ao mundo físico — começando por questões sobre a ἀρχή originária e incluindo ciências empíricas como a astronomia e a medicina — e a parte ética, cujo principal preceito é “viver uma vida conforme a natureza”. Desse modo, para se compreender efetivamente o significado da ética da Stoá, é necessário que se compreenda os conceitos que norteiam sua física.

PALAVRAS-CHAVE: Cosmologia; física; causalidade; *pneuma*.

ABSTRACT: Considering the Stoic notion of philosophy as a tripartite system and also the imbrication of these parts, there is a link between the physical part – which concerns to the physical world, beginning by questions about the original ἀρχή and including empirical sciences, as astronomy and physiology – and the ethical part – whose main maxim is “live a life in accord with the nature”. So, to effectively comprehend the meaning of the Stoic ethics, one must before comprehend the concepts which drive its physics.

KEYWORDS: Cosmology; physics; causality; *pneuma*.

ABREVIACÕES:

Aécio

Plac. = Opiniões dos Filósofos

Alexandre de Afrodísias

in Top. = Comentário aos Tópicos de Aristóteles

Aristóteles

Phys. = Física

Calcídio

in Tim. = Comentário ao Timeu de Platão

¹ Uma versão preliminar deste artigo foi publicada em: ‘CARVALHO, M.; FIGUEIREDO, V. (Orgs.). XV Encontro nacional ANPOF - Livros. 1ed.São Paulo: ANPOF, 2013, v. 1, p. 533-565’. A versão aqui apresentada é resultado de releitura, revisão, burilamento e síntese da versão precedente.

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

Cícero

- Acad. pr.* = Acadêmica livro I
- Acad. pos.* = Acadêmica livro II
- De Fat.* = Sobre o Destino
- De Fin.* = Sobre os Fins
- ND* = Sobre a Natureza dos Deuses

Cleomedes

- Cael.* = Os Céus

Diógenes Laércio

- D.L.* = Vidas e Doutrinas dos Filósofos

Diógenes de Oinoanda

- Dio. Oen. Phy.* = Fragmentos Físicos de Diógenes de Oinoanda

Estobeu

- Ecl.* = Écloga

Filodemo

- De Piet.* = Da Piedade

Galeno

- PHP* = Sobre as Doutrinas de Hipócrates e Platão

Platão

- Tim.* = Timeu

Plutarco

- St. Rep.* = Sobre as Autocontradições Estoicas

Sêneca

- Ep.* = Cartas

Sexto Empírico

- P.H.* = Esboços Pirrônicos
- Adv. Log.* = Contra os Lógicos
- Adv. Phy.* = Contra os Físicos
- Adv. Eth.* = Contra os Éticos
- Adv. Gram.* = Contra os Gramáticos

Simplicio

- in Phys.* = Comentário à Física de Aristóteles

Siriano

- in Metaph.* = Comentário à Metafísica de Aristóteles

Von Arnin

- SVF* = Fragmentos do Estoicismo Antigo, volumes I, II e III

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

I- FILOSOFIA COMO SISTEMA:

A filosofia Estoica foi, desde Zenão, definida como um sistema composto pelas partes física, lógica e ética². Nunca houve, contudo, acordo entre os filósofos da escola sobre qual a parte principal, e tampouco sobre qual a parte que deveria ser ensinada primeiro³. Assim,

Os Estoicos dividem a filosofia em três partes: física, ética e lógica. Essa divisão aparece pela primeira vez no livro *Sobre a Lógica*, de Zenão, depois em Crisipo no primeiro livro *Sobre a Lógica* e no primeiro livro *Sobre a Física* [...] Outros Estoicos, entretanto, dão o primeiro lugar à lógica, o segundo à física e o terceiro à ética. Entre estes estão Zenão em seu tratado *Sobre a Lógica*, Crisipo, Arquedêmos e Êudromos. Diógenes de Ptolemaís, por seu turno começa pela ética, mas Apolodoro põe a ética em segundo lugar; Panécio e Posidônio começam pela física [...] (*D.L.* VII 39-41).

Apesar das divergências, há símiles que podem nos indicar algo sobre o mecanismo do sistema da Stoá:

Os Estoicos comparam a filosofia a um ser vivo, onde os ossos e os nervos correspondem à lógica, as partes carnosas à ética e a alma à física. Ou então a comparam a um ovo: a casca à lógica, a parte seguinte (a clara) à ética, e a parte central (a gema) à física. Ou a

² E assim permaneceu, como podemos ver em *Plac.* 874 E-F: “Os Estoicos sustentaram que a sabedoria é um conhecimento de coisas divinas e humanas, e que a filosofia é a prática de uma habilidade útil. A virtude unicamente e em sua mais alta expressão é útil, e as virtudes mais genéricas são três: a física, a ética e a lógica. Eis porque a filosofia também tem três partes: a física, a ética e a lógica. Fazemos física quando investigamos o que é relativo ao cosmos e ao que está nele, ética quando dedicamos nosso tempo ao modo de vida humano, lógica quando o dedicamos ao discurso, ao que denominam também ‘dialética’”.

Ver o quadro conceitual ao final do artigo.

³ Crisipo, por exemplo, pensava que o ensino das partes do sistema deveria funcionar da seguinte forma: “Crisipo crê que os jovens têm que ouvir conferências sobre lógica primeiro, em segundo lugar sobre ética, e em terceiro lugar sobre física; e, finalmente, devem ocupar-se de discursos sobre os deuses como a culminação desses estudos. Sem embargo, mesmo que em muitos lugares isto já houvesse sido dito, basta citar o que se encontra literalmente assim no livro IV de sua obra *Sobre os Modos de Vida*: “Agora bem, parece-me primeiramente que, de acordo com o que corretamente disseram os antigos, os tipos de investigações teóricas dos filósofos são três: umas lógicas, outras éticas e outras físicas. Segundo, que destas, as lógicas devem ser postas em primeiro lugar, as éticas em segundo e as físicas em terceiro lugar. Entre as físicas, o discurso concernente aos deuses é o último. Por isso também as suas transmissões foram chamadas de iniciações”. (*St. Rep.* 1035 A).

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

comparam ainda a um campo fértil: a cerca externa é a lógica, os frutos são a ética, e o solo ou as árvores são a física. Ou a comparam a uma cidade bem amuralhada e racionalmente administrada. E nenhuma parte é separada das outras, como dizem alguns Estoicos, mas ao contrário todas estão estreitamente unidas entre si. Seu próprio ensino fazia-se conjuntamente. (*D.L.* VII 40).

Mesmo que não nos ajudem a especular qual a parte mais importante do sistema, os símiles do ser vivo e do ovo revelam a interdependência⁴ orgânica entre as partes. Ora, é justamente por essa organicidade que esses símiles se tornaram preferíveis para alguns membros da escola:

As abordagens daqueles que dizem que uma parte da filosofia é física, outra ética, e a outra lógica parecem ter sido mais completas. Desse grupo, Platão é, com efeito, o fundador, tendo em vista que ele engajou-se na discussão sobre muitas questões em física, muitas em ética, e não menos em lógica. Mas os mais explícitos aderentes a essa divisão são Xenócrates, os Peripatéticos e os Estoicos. Por isso eles, de maneira implausível, comparam a filosofia com um jardim coberto de frutas, de modo que a parte física pode ser ligada ao cume das árvores, a parte ética à suculência dos frutos, e a parte lógica à força dos muros. Outros dizem que é como um ovo; ora, a ética é como a gema, que algumas pessoas dizem que é o frango, a física é como a clara, que é comida para a gema, e a lógica é como a casca externa. Mas, tendo em vista que as partes da filosofia são inseparáveis umas das outras, enquanto que as plantas são consideradas distintas dos seus frutos e os muros são separados das plantas, Posidônio pensou ser mais apropriado ligar a filosofia a um animal, a parte física sendo ligada ao sangue e à carne, a parte lógica aos ossos e tendões, e a parte ética à alma. (*Adv. Log.* I 16-19).

Por seu turno, a comparação com o campo fértil revela o papel da lógica (cerca externa) de defender as concepções da escola, a fundamentação básica das doutrinas em uma compreensão da natureza, dado que a física é representada como o solo e as árvores

⁴ A interdependência argumentativa (e não somente orgânica) das partes da filosofia da Stoá também pode ser deduzida de *De Fin.* III 74: “Em verdade, me atraí a admirável disposição do sistema e a surpreendente ordem dos assuntos. Pelos deuses imortais! Não os admiras? Pois, o que se pode encontrar, seja na natureza — onde nada pode ser mais convenientemente organizado — ou nas produções que dependem da ação humana que seja tão sistemático, bem construído e unido? Qual conclusão não se segue à sua premissa? Que consequência há que não se segue do que a antecede? Há algo que não se encontra conectado causalmente com outra coisa a tal ponto que, se se altera tão-somente uma letra, tudo se derruba?”

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

que, se adequadamente cultivadas, produzem aquilo que pode, enfim, ser colhido pelo homem, os frutos. A comparação com a cidade fortificada, racionalmente administrada, demonstra a reivindicação da possibilidade de defender-se através do uso vigoroso da razão, justificando a adjetivação da filosofia Estoica como intelectualista.

Mas se considerarmos que o objetivo do Estoicismo é ético: a excelência ou virtude, que, uma vez alcançada, faz do homem um sábio, e, ademais, que sábios Estoicos jamais cometem erros, pois estão seguros da estrutura providencial do mundo (física), que é igual ao destino e que é o mesmo que a vontade de Zeus, concluiremos que a garantia da serenidade do sábio advém da ordenação da vida através do conhecimento da natureza. Então para ser sábio é preciso estar municiado de uma epistemologia (lógica) forte que indique com segurança a verdade, mesmo que dela se aproxime gradualmente.

A importância da lógica como elemento que interliga a física e a ética poderia servir para justificar um tratamento das partes que compõem o sistema da Stoá que desse preferência a ela⁵. Não é essa nossa opção, pois pensamos que, se a física e a ética são de alguma forma correspondentes, tendo em vista que a norma para a vida é extraída do funcionamento da própria φύσις, então é pela física que se deve iniciar a investigação sobre os fundamentos do Estoicismo. Obviamente, esse viés exegetico não é inequívoco.

II- A FÍSICA ESTOICA:

Para os Estoicos, a física é a parte da filosofia que lida com o que, de modo geral, diz respeito ao mundo físico, começando por questões sobre a ἀρχή originária e incluindo ciências empíricas como a astronomia e a medicina, mas não só. Remonta mesmo ao primeiro Estoicismo a asserção mais básica e fundamental dessa parte do sistema de que “tudo o que existe é corpóreo”, pois ser ou existir devem ser identificados com a corporeidade, assim, mesmo coisas que usualmente poderiam ser

⁵ Como faz Sexto Empírico: “... em toda parte da filosofia o que deve ser buscado é a verdade, pode-se, acima de tudo, ter pontos de partida e processos para discernir o que é confiável. Mas a *lógica* é a área que contém reflexão sobre critérios e demonstrações; então é nesta onde devemos fazer nosso ponto de partida.” (*Adv. Log.* I 24).

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

consideradas incorpóreas, como a alma, a justiça e a virtude, são tidas como corpóreas pelo Estoicismo. Então, ao invés de atribuir existência somente ao que é fisicamente corpóreo, que propiciaria a rejeição automática da existência de coisas não-físicas como a excelência, gerando um problema, a solução foi incluir algumas dessas coisas não-físicas na categoria de corpóreos, como se fossem, por sua vez, coisas físicas.

Ademais, há coisas que podem ser reais, mas que não são corpos. Esses incorpóreos são quatro entidades que os Estoicos não se arriscariam a afirmar que são nada, mas não são corpos, embora sejam algo: o vazio, o tempo, o lugar e os “exprimíveis” (λεκτά). Assim, essas entidades são reais apesar de serem inexistentes, são objetos do pensamento⁶ e como tal, ao invés de existirem, subsistem: são entidades reais, mas fazem parte de uma realidade não-existente.

Voltando à categoria dos corpóreos, cabem nela todas as coisas que têm a capacidade de agir ou de sofrer ação⁷, entre as quais estão a virtude, a justiça e também paus e pedras. Então, para os Estóicos, há o gênero tinológico supremo que inclui todas as entidades reais, abaixo do qual há as classes dos existentes (corpóreos) e dos inexistentes (incorpóreos), mas que são subsistentes⁸. Eis o sentido de uma das

⁶ Ver *Adv. Gram.* 19.

⁷ Essa espécie de critério para a corporeidade aparece em *Acad. pr.* 39: “Sua posição [de Zenão de Cítio] acerca dos princípios naturais foi a que se segue. Primeiro, ele não aceitou a adição aos quatro elementos daquela quinta natureza que seus predecessores imaginaram como a fonte dos sentidos e da mente: ele declarou que o fogo foi a natureza que trouxe o todo ao ser, e também a mente e os sentidos. Uma segunda discordância deveu-se à sua crença de que era impossível para algo sofrer uma ação causada por algo incorpóreo (que é o que Xenócrates afirmou, juntamente com seus predecessores, que a mente era): o que age e o que sofre não poderiam ser incorpóreos.”

⁸ Essa definição persistiu até o Estoicismo romano, embora já houvesse a tendência eclética favorável a Platão em que o ‘gênero supremo’, ‘o que existe’, é entendido como um universal, diluindo o nominalismo de Crisipo que era muito aparente na primeira fase da Stoá. Ver *Ep.* 58, 11-15: “Todavia, há algo anterior ao corpo, pois dizemos que enquanto algumas coisas são corpóreas, outras são incorpóreas. Portanto, qual seria o gênero do qual se derivam? Aquele ao qual conferimos outrora um nome pouco apropriado: ‘o que é’. Assim, com efeito, se dividiria em três espécies, de modo que dizemos: ‘o que é’ é ou bem corpóreo ou bem incorpóreo. Este é, por conseguinte, o gênero primeiro e mais importante e, por assim dizer, universal; os demais gêneros são, sem dúvida, gêneros, mas particulares, como homem é um gênero [...] Aquele gênero, ‘o que é’, é universal, pois não há nada sobre ele; é o princípio das coisas, e todas as coisas a ele se subordinam.”

Alexandre de Afrodísias, apesar de ter nascido cerca de cento e trinta anos após a morte de Sêneca, parece ter tido acesso a fontes mais antigas do Estoicismo do que o próprio Sêneca que, ademais, estava imerso nas discussões da própria escola e comprometido com suas próprias interpretações. Assim, Alexandre não trata “o que é” como universal, mas como um gênero mais geral: “Deste modo, poder-se-ia mostrar que os da Stoá não postulam adequadamente o algo como gênero do ser, pois se é algo, é algo, obviamente também um existente. Mas, se é um existente, poder-se-ia admitir o enunciado do existente. Aqueles, sem

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

influências megáricas sobre o Estoicismo: a rejeição dos universais, pois o gênero supremo é o dos reais, então, individualmente, os objetos são incluídos nesse gênero, divididos de acordo com as classes, de modo que somente particulares individuais existem⁹. Contudo, apesar dessa forma de nominalismo, ainda haveria a tentação da linguagem de expressar as qualidades afins entre certos objetos (como cores) através de conceitos generalizantes (como vermelho, amarelo e etc.).

Assim, adotando uma postura nominalista mais radical ainda do que a de Zenão, Crisipo lança fora até mesmo o uso de nomes comuns como “homem”, que poderiam causar a impressão de adesão aos universais, e reformula os proferimentos de forma a não sermos involuntariamente levados à assunção de sua existência. Assim, ao invés de dizermos que o “homem é um animal racional”, deveríamos dizer que “se algo é um homem, então este algo é um animal racional”, possibilitando a indicação de uma propriedade comum compartilhada por todos os homens sem a necessidade de se assumir a existência da entidade genérica “homem”¹⁰ através do argumento do ninguém¹¹, cujo objetivo é negar que “homem” refere-se a qualquer coisa.

Voltando à definição de corpóreo como o que age e que sofre ações, podemos entender alguns pontos tradicionais sobre a cosmologia dos Estoicos, para quem havia dois princípios (ἀρχαί), precisamente o que age (τὸ ποιοῦν) e o que sofre ações (τὸ πάσχον), que são Deus e a matéria:

De acordo com os Estoicos, os princípios são dois: o ativo e o passivo.
O princípio passivo é a essência sem qualidade — a matéria —; o

embargo, ao estabelecerem para si mesmos que o que existe se diz só dos corpos, poderiam evitar a dificuldade. É por isso, com efeito, que sustentam que o algo é mais genérico, dado que não se predica somente dos corpos, mas também dos incorpóreos.” (*in Top.* 301, 19-302, 2).

Sexto Empírico parece concordar com a forma de exposição do problema lançada, ou pelo menos utilizada, por Alexandre de Afrodisias, como se pode ver em *Adv. Gram.* 15- 19.

⁹ Ver *in Metaph.* 104, 21.

¹⁰ Para a crítica mais fundamental a essa artimanha de Crisipo ver *Adv. Eth.* 8-10: “Os lógicos profissionais asserem que a definição difere do universal meramente em sua construção verbal, sendo idêntica em significado. E certamente; pois aquele que diz “o homem é um animal mortal, racional”, diz o que é idêntico em significado, embora diferente em palavras, daquele que diz “qualquer coisa que seja o homem, essa coisa é um animal mortal, racional”. E isto está claro dado o fato de que não somente os universais são inclusivos dos particulares, mas a definição também se estende a todas as instâncias particulares da coisa em questão, aquela do homem, por exemplo, a todos os homens particulares, e aquela do cavalo, a todos os cavalos.”

¹¹ Eis o argumento: “Se alguém está em Megara, não está em Atenas; mas há um homem em Megara; logo, não há um homem em Atenas.” (*D.L.* VII 187).

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

princípio ativo é a razão na matéria, ou seja, Deus. E Deus, que é eterno, é o demiurgo criador de todas as coisas no processo relativo à matéria. Essa doutrina é exposta por Zenão de Cítio na obra *Da Substância*, por Cleanto na obra *Dos Átomos*, por Crisipo na parte final do primeiro livro da *Física*, por Arquedêmos na obra *Dos Elementos* e por Posidônio no segundo livro de sua *Física*. Conforme os Estoicos, há uma diferença entre princípios e elementos: os princípios não foram gerados e são incorruptíveis, enquanto os elementos se corrompem quando ocorre a conflagração do cosmos. Além disso, os princípios são incorpóreos e informes, enquanto os elementos têm uma forma determinada. (*D.L.* VII 134).¹²

É muito discutível a origem da cosmologia Estoica. Por exemplo, em *Acad. pr.* 24-29, há a exposição por Marco Terêncio Varrão da doutrina física da Velha Academia, cito aqui apenas um trecho do parágrafo 24:

Seu [da Velha Academia] tratamento da natureza — a segunda parte da filosofia — os levou a dividi-la em duas coisas, com uma ativa e a outra se emprestando a si própria para ela [a ativa] e assim [a passiva] sofre dela, de alguma maneira, a ação.¹³

Assim, cogita-se que nesse ponto da física Estoica a Academia sob Pólemon tenha influenciado o pensamento de Zenão. Outra notável influência foi a de Heráclito, aprofundada por Cleanto. Contudo, o próprio Zenão já identificava o princípio ativo com o fogo¹⁴, que seria, mais tarde, substituído pelo πνεῦμα de Crisipo.

¹² Há muitos fragmentos antigos sobre os dois princípios da física da Stoá, cito apenas mais um: “Heráclito de Éfeso disse que o fogo é o elemento, Tales de Mileto, a água, Diógenes de Apolônia e Anaxímenes, que é o ar, Empédocles da Ácraga, o fogo, o ar, a água e a terra, Anaxágoras de Clazômena, as *homeomerias* de cada coisa, e os Estoicos, que são a matéria e deus.” (*Dio. Oen. Phy.* 6 I 10-II 9).

¹³ Na sequência, há uma breve análise da física da Velha Academia que cito: “A força estava na natureza ativa, pensavam eles, e um tipo de ‘matéria’ na natureza sobre a qual agia, mas ambas estavam presentes uma na outra. Pois a matéria não poderia se juntar por si própria sem ser através de alguma força, tampouco a força sem alguma matéria, tendo em vista que o que existe está necessariamente em algum lugar. Mas era tão-somente o produto de ambos que eles chamavam de ‘corpo’ e uma ‘qualidade’ (*poiotês*).” (*Acad. pr.* 24).

Essa análise, por sua vez, corresponde a uma interpretação de *Tim.* oferecida por Teofrasto que aparece em *in Phys.* 26. 7-15 e que ecoa em *Acad. pos.* 118 onde há a narração por Cícero do interessante fragmento de Teofrasto presente em Simplicio, fragmento em que Teofrasto conta brevemente a história da física, desde Tales e os milésios, passando pelos eleatas, pitagóricos, Heráclito e chegando até Platão e seus discípulos.

Para mais sobre o difícil e controvertido problema das origens da noção Estoica de Deus, ver: ‘SEDLEY, D. *The Origins of Stoic God*. In: Frede, D.; Laks, A. (eds.). *Traditions of Theology*. Boston/ Leiden: Brill, 2002’.

¹⁴ Conforme podemos ver em *ND* III 35.

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

Apesar de haver dois tipos de corpóreos que desempenham distintos papéis cosmogônicos, um ativo (Deus) e outro passivo (a matéria), fontes antigas¹⁵ nos relatam que os Estoicos eram monistas estritos, de modo que tudo que é corpóreo é, para eles, parte de uma mesma coisa, a φύσις. Mas isso que poderia ser visto como uma problemática adicional na verdade só vem a acrescentar a idéia de que, de fato, tudo o que faz parte do conjunto dos corpóreos é o mesmo, embora, para efeitos de elucidação, haja um corpóreo ativo e outro passivo que propiciaram a criação do próprio κόσμος em um tempo inicial incorpóreo. Ademais, não obstante todos os corpóreos serem definidos como ativos ou passivos, não há, por parte dos Estoicos, uma rigidez que nos aponte quais os corpóreos que são sempre ativos e que, portanto, são causalmente sempre anteriores aos corpóreos que são sempre passivos, pois não há corpóreos “sempre ativos” ou “sempre passivos”, mas todos os corpóreos sofrem ações originadas em outros corpóreos e causam ações em outros corpóreos, de modo que as relações causais entre eles são extremamente imbricadas¹⁶.

Voltando então ao πνεῦμα, os Estoicos sublinhavam que havia dele três condições, refletindo graus de τόνοϋς. A primeira é a força que dá unidade a um objeto físico, mantendo coesas suas partes componentes (ἔξις); a segunda é a força por meio da qual existe a vida e se constitui o seu princípio (φύσις); finalmente, a terceira forma de πνεῦμα é aquela que gera a capacidade de percepção em animais, suscetíveis às impressões e ao movimento e capazes de reprodução (ψυχή).

Por outro lado, dado que o πνεῦμα se identifica com Zeus, é possível entender a doutrina física da Stoá como um tipo de panteísmo, no qual deus é concebido como uma força diretiva providente. O viés físico / teológico foi aprofundado por alguns filósofos da escola como Cleanto de Assos, de quem citamos agora parte do *Hino a Zeus*:

Zeus, de tudo provedor, tu, das nuvens escuras, do flamígero trovão,
Salve os homens da sua funesta inexperiência
E disperse-na, pai, para longe das suas almas; garanta que eles
alcancem
A sabedoria com a qual tu confiantemente guias a todos com justiça
Podemos, assim, recompensar-te com honra a honra que nos dá

¹⁵ Ver *in Tim.* 293.

¹⁶ A imprevisível imbricação causal entre os corpóreos propicia o fecundo ataque cético de Enesidemo (contra os etiologistas) que aparece em *P.H.* I 180-185.

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

Louvando tuas obras continuamente, como cabe a nós, mortais...
(*Ecl.* I 1, 12 = *SVF* I 5 B 537, 25-30).

Apesar de inicialmente se poder estranhar a aproximação entre uma física naturalista e a teologia, esse estranhamento é anacrônico. Assim, o deus Estoico é um deus na natureza, e ambos são seres vivos (*D.L.* VII 142), de modo que, nos fragmentos dos Estoicos nos quais se lê “deus”, é possível substituir essa palavra por “natureza”. Além disso, o deus (que é o próprio cosmos) tem consciência, como nos relata Cícero:

Esses argumentos expandidos por nossa parte foram condensados por Zenão da seguinte maneira: “aquilo que emprega a razão é melhor do que o que não emprega. Ora, nada é superior ao cosmos; portanto, o cosmos emprega a razão”. Através de um argumento similar pode ser fundamentado que o cosmos é sábio, e abençoado, e eterno, pois todas as incorporações desses atributos são superiores àquelas sem eles, e nada é superior ao cosmos. (*ND* II 21).

Em uma passagem imediatamente posterior à citada acima, Cícero prossegue sua exposição da física da Stoá, atribuída ao próprio Zenão, em que o deus/ cosmos, além de corpóreo, vivo, sábio, abençoado e eterno, é um ser sensível: “Nada que é privado de sensação pode conter algo que possui sensação. Ora, algumas partes do cosmos possuem sensação; portanto, o cosmos não é privado de sensação” (*ND* II 22)¹⁷.

Ademais, o cosmos vivo é um ser esférico e rodeado por um vazio infinito¹⁸. Há uma discussão sobre a necessidade de se postular o vazio infinito como redoma do cosmos finito, mas, ao percorrermos os pormenores do problema segundo o Estoico Cleomedes (em todo *Cael.*), vemos que o postulado do vazio infinito incorpóreo circundante fora utilizado como argumento contra uma versão da cosmogonia pitagórica atribuída a Arquitas de Tarento, para quem o cosmos era infinito e que, então, perguntava o que aconteceria se chegássemos à borda do cosmos finito e lá

¹⁷ Compare com *D.L.* VII 142-143: “A doutrina de que o cosmos é um ser vivo, racional, animado e inteligente, é lançada por Crisipo no primeiro livro do seu tratado *Da Providência*, por Apolodoro na sua *Física*, e por Posidônio. É uma coisa viva na medida em que é uma substância animada dotada de sensações; pois animal é melhor do que não-animal, e nada é melhor do que o cosmos, portanto o cosmos é um ser vivo.”

Vale lembrar que também a doutrina do cosmos vivo não era unânime entre os primeiros Estoicos, assim, ‘Boêtos diz que o cosmos não é um ser vivo’ (*D.L.* VII 143).

¹⁸ Ver *D.L.* VII 140: “O mundo é um só e finito e sua forma é esférica, porque essa forma é compatível com o movimento, como afirmam Posidônio, no quinto livro de sua *Física*, e Antipater e seus pupilos na obra *Sobre o Cosmos*. Fora do cosmos difunde-se o vazio infinito, que é incorpóreo.”

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

esticássemos nossos braços¹⁹. Mas, além de evitar críticas, haveria um motivo para defender o postulado em questão que se relaciona com outro dogma que compõe a física da Stoá, a concepção de ἐκπύρωσις, segundo a qual o cosmos inteiro periodicamente se dissolveria em fogo. Assim, o cosmos se expandiria e retrairia em um processo cíclico, da seguinte forma:

a. primeiramente, a partir da divisão do corpóreo em dois princípios originários, um ativo e outro passivo, há a ação do princípio ativo divino (que é um pneuma ígneo) sobre o a matéria passiva.

b. Após este instante criativo inicial, a formação do cosmos estaria completa. Nesse momento é muito difícil discernir perspicazmente o que é ativo e o que é passivo, tendo em vista que todos os corpóreos agem e sofrem ações uns dos outros, simultaneamente. Contudo, não obstante a intensa sobreposição causal que há entre todos os elementos corpóreos. É possível detectar as sutis correntes causais, mas somente se compreender-se a mente de Zeus, que ordena a totalidade dos corpóreos, que é o cosmos, que é o próprio deus.

c. Apesar da aparente estabilidade cósmica, Zeus estaria se expandindo incessantemente, passando da forma inicial de pneuma ígneo à forma de fogo puro e propiciando a consumição de todo o cosmos, do qual nada restaria exceto o próprio deus que se tornou fogo. Eis a necessidade cosmológica de postular o vazio: é o espaço incorpóreo infinito que o cosmos corpóreo ocupa e que o envolve mesmo quando de sua expansão.

d. O fogo criativo (πῦρ τεχνικόν), que se tornou tudo o que há, é o mesmo que um animal cósmico sem corpo, é pura alma²⁰. Por rarefação, o fogo viria a se tornar ar (princípio ativo), que engendraria a umidade da qual surgiriam da parte líquida a água, da parte espessa a terra e da parte sutil o fogo (todos elementos passivos)²¹.

¹⁹ A defesa da posição ortodoxa Estoica, segundo a qual há um cosmos finito circundado por um vazio infinito, proferida por Cleomedes aparece em seu *Cael.* 1. 1-5. A discussão entre os pitagóricos e os filósofos da Stoá acerca de questões cosmológicas aparece, de modo geral, em Simplicio, os postulados de Arquitas em *Phys.* 467, 26-35, e os de Cleomedes em *Cael.* 284, 28-285,1.

²⁰ Ver *St. Rep.* 1053 b.

²¹ Ver *D.L.* VII 142.

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

e. Novamente, teríamos um cosmos corpóreo divino que é pneuma ígneo e que, apesar da normalidade aparente, mais uma vez caminhará para a ἐκπύρωσις²².

Tendo exposto os processos cíclicos de formação e deflagração cósmicas, resta-nos ressaltar que, mais do que conceber a eterna recorrência do cosmos como uma interminável série de ciclos, deve-se concebê-la como um único ciclo, mas que se repete interminavelmente. Desse modo, tudo o que compõe o cosmos em cada uma das suas repetidas criações é sempre o mesmo, porque o próprio cosmos é governado pela mente de Zeus, então tem a melhor organização possível, e há somente uma melhor organização possível: o cosmos atual, que é criado e destruído repetida e identicamente, propiciando uma eterna recorrência não só de si mesmo, mas também dos mesmos eventos.

Ora, se o cosmos é todo ele regido pela mente de Zeus, então há um rígido determinismo causal que é a própria providência divina. Os elos causais entre eventos propiciam uma inescapável ordem suscitada pelas suas conexões, é a isso que os Estoicos chamam εἰμαρμένη:

Que todas as coisas acontecem de acordo com o destino dizem Crisipo em sua obra *Do Destino*, Posidônio no segundo livro de sua obra *Do Destino*, e Zenão e Boêtos no primeiro livro da obra *Do Destino*. O destino é um encadeamento de causas daquilo que existe, ou a razão que dirige e governa o cosmos. (*D.L.* VII 149).

²² Há algumas sutilezas conceituais aqui que podem trazer complicações quanto à cosmologia Estoica, a primeira delas é temporal: como discernir temporalmente entre o fogo criativo e o pneuma ígneo, tendo em vista que, se o fogo é criativo, ele deveria ser o princípio ativo ao invés do pneuma ígneo, e assim aquele deveria, na criação, preceder este que, por sua vez, é habitualmente considerado como meramente um combustível não criativo (*Ecl.* 213,17-19)? E também o problema já apresentado da distinção entre o deus ativo e a matéria passiva.

A outra complicação é espacial e necessita de um incremento conceitual, pois se há o real que inclui os corpóreos e os incorpóreos e também o existente que inclui somente os corpóreos, então deve haver uma totalidade de tudo o que existe (ὅλον), que é um conjunto menor do que o todo (πάν) que, por seu turno, inclui também o que não existe, mas é real. Assim, o ὅλον é tudo o que compõe o cosmos corpóreo que, quando se expande ou retrai, ocupa espaço dentro da esfera maior do tudo que, ao incluir os incorpóreos, inclui o vazio infinito que envolve o existente corpóreo finito.

Ver *Adv. Phy.* I 332: “Ora, os filósofos da escola Estoica supõem que a “totalidade” difere do “Todo”; pois eles dizem que a totalidade é o cosmos, enquanto que o Todo é o vazio externo mais o cosmos, e assim a totalidade é limitada (pois o cosmos é limitado), mas o Todo é ilimitado (pois o vazio fora do cosmos assim é).”

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

O cosmos Estoico, concebido como um mecanismo no qual cada evento segue um evento predecessor e imediatamente cria eventos posteriores, não admite acaso ou mudanças²³. Tudo o que parece acontecer por escolha ou sorte, por exemplo, fora determinado anteriormente por uma causa qualquer que porventura fugira à nossa atenção. Deus, a mente que administra tudo (e o corpo que tudo é), providentíssimo e sapientíssimo, como um titereiro, move todas as cadeias causais.

Finalmente, considerando que o cosmos Estoico é animado e, desse modo, uma espécie de ser vivo, e também que a sua alma é caracterizada como pneuma, tem-se como consequência que as almas dos outros seres vivos menores que fazem parte do conjunto cosmos são, da mesma forma, pneuma e fragmentos do pneuma que é a alma do deus / cosmos. Assim, também no aspecto anímico (além do aspecto causal), as vidas de cada um dos seres que compõem o universo são interligadas, pois se originam em uma mesma vida maior, a do próprio deus.

Lembrando uma parte anterior na nossa argumentação em que mencionamos os diferentes graus de tensão (τόνος) do pneuma ígneo que tudo permeia quando o cosmos deixa de ser fogo criativo, há dele três níveis de tensão: coesão, natureza ou crescimento

²³ E também não admite milagres ou livre arbítrio, entrando assim em conflito com as doutrinas cristãs. Ademais, se o cosmos é regido por uma corrente causal inextrincável, e deus faz parte do próprio cosmos, então deus está submetido à causalidade? Assim, antigos admiradores cristãos do Estoicismo propuseram respostas para esses problemas. Calcídio foi o primeiro neoplatônico cristão que parece ter se dado conta do equívoco de supor que deus estava submetido à corrente causal, pois sua providência é a própria corrente (*in Tim.* 144). Outros autores, como Plutarco, identificam deus, ao invés da sua providência, com a ordem necessária das causas (*St. Rep.* 1050a-b). Quanto ao destino, críticas a essa noção já eram feitas mesmo no tempo da antiga Stoá, propiciando tréplicas criadas pelos grandes escolarcas, ambas nos são relatadas por Cícero (*De Fat.* 28-30). O argumento mais notável contra o destino chama-se “argumento do preguiçoso”, que, em suma, alega que, se tudo é regido por uma teia causal inextrincável, que é a providência divina, então não importa como ajamos, sempre chegaremos aos mesmos fins, a própria ação seria desnecessária, de modo que, se doentes, chamando o médico ou não, poderemos ser curados caso seja nosso destino. A tréplica a esse argumento foi lançada pelo próprio Crisipo, que recorre a uma distinção entre destinos simples e conjugados, segundo a qual o primeiro tipo de destino é fruto direto da essência de uma coisa (e assim uma coisa mortal morrerá, porque isso é inerente a ela) e o segundo tipo, por sua vez, é mais complexo e envolve outra distinção, dessa vez entre causas internas e externas. Desse modo, ao dizermos que “Sócrates morrerá” estamos falando algo que certamente ocorrerá dado que Sócrates é mortal, pois a morte é o destino simples de tudo o que é mortal por ser causada por causas internas inerentes aos seres mortais. Mas, ao dizermos que “Sócrates morrerá hoje à tarde”, estamos somando o destino simples inerente à sua mortalidade a uma série de condições propiciadas por diversas causas externas conjugadas. Não é então fato determinado quando Sócrates morrerá, apesar de certamente morrer em algum dia. Com essa artimanha argumentativa, Crisipo evitou o “argumento do preguiçoso”, alegando que somente o destino simples é inescapável, enquanto que os destinos conjugados podem ser alterados e no que a eles concernir haverá interferência da escolha.

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

e alma. A ἔξις sustenta os agregados que formam os objetos inanimados. A φύσις é responsável pela vida vegetativa. A ψυχή é a vida consciente presente em animais. A esses três deve-se ainda acrescentar um quarto grau de tensão do pneuma, a alma racional (λογικὴ ψυχή), que está presente nos humanos e confere o poder racional de julgar que, por sua vez, é o que propicia uma interposição entre a recepção passiva de impressões e a ação consciente. Assim, os seres humanos possuem os quatro graus de τόνος do pneuma: a coesão, dado que são objetos que compõem o cosmos; a natureza, que é o princípio que nos faz crescer e que se faz presente desde quando somos fetos; a alma, que nos torna capazes das percepções sensíveis, do movimento e da reprodução; e a alma racional, que nos dá a capacidade de julgar.

Em suma, para os Estoicos, os seres humanos têm as duas manifestações da alma, ao passo que os outros seres possuem tão-somente a parte estritamente sensível²⁴. Além disso, essa alma humana “dupla”, comparada a um polvo (*Plac.* 4.21.2), possui oito divisões (*D.L.* VII 157): os cinco sentidos, as faculdades da reprodução, da linguagem e a “faculdade comandante” (ἡγεμονικόν). A última, por seu turno, pode ser dividida em três outras faculdades: impressão, impulso e assentimento, das quais as duas primeiras são compartilhadas com os animais irracionais. A faculdade de assentimento, contudo, só existe nos seres humanos e é o que nos define como racionais, diferenciando-nos dos outros seres, sendo o âmago mesmo do nosso ser²⁵.

Houve diversas divergências médicas entre os filósofos da Stoá quanto à localização do ἡγεμονικόν no corpo humano ou, em outras palavras, quanto à localização em nós do órgão corpóreo sede da faculdade do assentimento. De acordo com Galeno²⁶, Zenão e Cleanto localizavam-no no cérebro, ao passo que Crisipo o localizou no coração. Seguindo os dois primeiros, Erasistratos também alegou que o ἡγεμονικόν situava-se no cérebro. Praxágoras alegou, com Crisipo, que o ἡγεμονικόν

²⁴ Talvez com algumas exceções, como o cão, capaz de fazer silogismos, segundo Crisipo. Ver: *P.H.* I, 69-70.

²⁵ Ressalto que, ao rejeitar a faculdade do assentimento, propondo a ἐποχή, os cétricos, de acordo com os dogmas da psicologia Estoica, tomavam dos homens sua própria humanidade, tornando a vida humana impossível de ser vivida.

²⁶ Ver *PHP* 1.6.12.

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

situava-se no coração²⁷. Ambos, Erasistratos e Praxágoras, desenvolveram teorias que alegavam que havia uma rede que espalhava os impulsos do ἡγεμονικόν pelo corpo humano, não obstante sua sede²⁸.

III- QUADRO CONCEITUAL DO SISTEMA ESTOICO:

Para elucidação maior, no quadro conceitual abaixo tentamos relacionar entre si as partes do sistema Estoico, bem como suas principais teses.

Física. → ↓	Deus = natureza → ↓	Ciclo cósmico criação/destruição, por rarefação e condensação do fogo inicial, quando a φύσις ganha seus diferentes τόνοι, com quatro formas. → ↓	ἕξις.	= Coesão (todos os corpos).	
			φύσις.	= Vegetais.	
			ψυχή.	= Animais.	
			λογική ψυχή (capacidade de distinguir entre ↓).	= Ser humano + ἡγεμονικόν, responsável pela escolha (προαίρεσις) e assentimento (συγκατάθεσις). ↓	
Teoria do conhecimento. → ↓	Compreender os desígnios divinos (a verdade e as cadeias causais). → ↓	Fenômeno (φαινόμενον), ↓ afecção (πάθος), ↓ impressão (φαντασία), de dois tipos. → ↓	1-catalépticas (καταληπτικαί). →	+ Escolha de assentir = verdade ↓	
			2- não catalépticas (ἀκατάληπτοι). ↓		
			Como conhecer? ↓		
Ética. →	Viver conforme a natureza = conforme os desígnios divinos. →	Aceitação do destino (εἰμαρμένη), resignação, compreensão de seu papel no cosmos. →	Como agir? ↓	= ações apropriadas (καθήκοντα), ou ações corretas (κατορθώματα) = excelência (ἀρετή).	
			?		
			→		

IV- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

²⁷ Ver *PHP* 1.6-7.

²⁸ Ver *De Piet.* 9,9-13.

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

a) Fontes primárias:

- ALEXANDER OF APHRODISIAS. *On Aristotle's "Topics 1"*. In: *Ancient Commentators on Aristotle*. Cornell: Cornell University Press, 2001.
- ARISTOTLE. *The Works of Aristotle*. Londres: Encyclopaedia Britannica, 1952.
- ARISTOTLE. *The Complete Works of Aristotle*. The Revised Oxford Translation. BARNES, J (ed.), 2 vols. Princeton: Princeton University Press.
- CALCIDIUS. *Commentaire au Timée de Platon*. In: *Histoire Des Doctrines De L'antiquite Classique*. Paris: Vrin, 2012.
- CLEOMEDES. *Cleomedes' Lectures on Astronomy: A Translation of The Heavens*. In: *Hellenistic Culture and Society*. California: University of California Press, 2004.
- CLEMENT OF ALEXANDRIA. *Miscellanies (Stromata)*. Memphis: Bottom of the Hill Publishing, 2012.
- DIELS, H.; KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*, 3 vols. Berlim: Weidmann, 1974.
- DIOGENES LAERTIUS. *Lives of eminent philosophers*. HICKS, R. D. (trad.). Londres: William Heinemann, 1975.
- DIÔGENES LAÊRTIOS. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 2008.
- DIOGENES OF OINOANDA. *The Epicurean Inscription by Diogenes of Oinoanda (c. 200 CE)*. SMITH, M. F. (trad.). Nápolis: Bibliopolis, 1992.
- DORANDI. *Filodemo. Storia dei filosofi [.] : Platone e l'Academia, La scuola di Epicuro, 12*. Nápolis, 1991.
- DORANDI. *Filodemo, Storia dei filosofi: La stoà da Zenone a Panezio (PHerc. 1018)*. In: *Philosophia antiqua*, vol. LX, Leyde-New York-Köln 1994.
- DORANDI. *Filodemo. Gli Stoici (PHerc. 155 e 339)*. In: *CErc* 12 (1982): 91–133.
- EPICTETO (FLÁVIO ARRIANO). *O Encheiridion de Epicteto*. DINUCCI, A.; JULIEN, A. (trads.). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012.
- GALENI. *De Placitis Hippocratis et Platonis*. Berlim: Akademie Verlag, 2005.
- KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1994.
- L. ANNEUS SENECA. *Ad Lucilium Epistulae Morales*, 3 vols. GUMMERE, M. (trad.). Londres: William Heinemann Ltd, 1917-1925.
- L. ANNEUS SENECA. *L. Annaeus Seneca. Moral Essays*. Londres e Nova Iorque: Heinemann, 1928.
- L. ANNEUS SENECA. *Natural Questions*. In: *The Complete Works of Lucius Annaeus Seneca*. Chicago: University Of Chicago Press, 2010.
- LONG, A.A.; SEDLEY, D.N. *The Hellenistic Philosophers: translation of the principal*

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

sources, with philosophical commentary, 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

LONG, H. S. *Diogenes Laertii vitae philosophorum*, 2 vols. Oxford: Oxford University Press, 1964.

M. TULLIUS CICERO. *De Fato*. Leipzig: Teubner, 1915.

M. TULLIUS CICERO M. *Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia, fasc. 43. de Finibus Bonorum et Malorum*. SCHICHE, T. (trad.). Leipzig: Teubner, 1915.

M. TULLIUS CICERO. *de Natura Deorum*. PLASBERG (trad.). Leipzig: Teubner, 1917.

M. TULLIUS CICERO. *On Academic Scepticism*. Cambridge: Hackett Publishing Company, 2009.

M. TULLIUS CICERO. *Academicorum reliquiae cum Lucullo*. PLASBERG (trad.). Leipzig: Teubner, 1922.

PHILODEMUS OF GADARA. *Philodemus on piety: critical text with commentary*, 2 vols. OBBINK, D. (trad.). Oxford: Clarendon Press, 1996.

PLATON. *Oeuvres Complètes*. Paris: Les Belles Lettres, 1920-1956.

SEDLEY, D. *The Origins of Stoic God*. In: Frede, D.; Laks, A. (eds.). *Traditions of Theology*. Boston/ Leiden: Brill, 2002.

SEXTO EMPÍRICO. *Contra os retóricos*. BRITO, R. P.; HUGUENIN, R. (trad.). São Paulo: EdUNESP, 2013.

SEXTUS EMPIRICUS. *Complete Works of*, 4 vols. BURY, R. G. (trad.). In: *Loeb Classical Library*. Harvard: Harvard University Press, 2006.

SEXTUS EMPIRICUS. *Outlines of Scepticism*. ANNAS, J.; BARNES, J. (eds.) Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

SEXTUS EMPIRICUS. *Against the Ethicists*. BETT, R. (trad.). Oxford: Clarendon Press, 1997.

SEXTUS EMPIRICUS. *Against the Grammarians*. BLANK, D. L. (trad.). Oxford: Clarendon Press, 1998.

SIMPLICIUS. *Simplicius: On Aristotle's "Physics 3"*. In: *Ancient Commentators on Aristotle*. Cornell: Cornell University Press, 2002.

SIMPLICIUS. *On Aristotle's "On the Heavens 1.10-12"*. In: *Ancient Commentators on Aristotle*. Cornell: Cornell University Press, 2006.

PLUTARCH. *Plutarch's Morals. Translated from the Greek by several hands. Corrected and revised by. William W. Goodwin, PH. D.* Cambridge: Press Of John Wilson and son, 1874.

STOBAEUS. *Anthologium*. WACHSMUTH, O. H. (ed.). Berlim: Weidmann, 1912.

SYRIANUS. *Syrianus: On Aristotle Metaphysics 3-4*. In: *Ancient Commentators on Aristotle*. Cornell: Cornell University Press, 2008.

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

TAVERSA. *Index Stoicorum Herculanensis*. Gênes, 1952.

VON ARNIN, H. F. A. *Stoicorum Veterum Fragmenta*, 4 vols. Munich: K.G. SAUR VERLAG, 2010.

b) Comentadores

ANNAS, J. *Doing Without Objective Values: Ancient and Modern Strategies*. In: SCHOFIELD, M; STRIKER, G. (eds.). *The Norms of Nature: Studies in Hellenistic Ethics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BARNES, J; SCHOFIELD, M; BURNYEAT, M. (orgs.). *Doubt and Dogmatism, Studies in Hellenistic Epistemology*. Oxford: Claredon Press, 1980.

BEVAN, Edwyn. *Stoïceiens et Sceptiques*. Paris: Société d'Édition "Les Belles-Lettres", 1927.

BOBZIEN, S. *Lógica*. In: INWOOD, B (org.). *Os Estóicos*. São Paulo: Odysseus, 2006.

COUSSIN, Pierre. *L'origine e L'évolution de L'EPOXH*. In: *Revue des Etudes Grecques*, nº 42, 1929.

FREDE, M. *Essays in Ancient Philosophy*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1989.

GIGANTE, M. (org.). *La Villa dei Papiri*. Nápoles: 1983.

_____. *La bibliothèque de Philodème et l'épicurisme Romain*. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

HADOT, P. *Exercices Spirituels et Philosophie Antique*. Paris: Éditions Albin Michel S.A., 1993.

_____. *O que é a Filosofia Antiga?* São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HANKINSON, R. J. *Epistemologia estoica*. In: INWOOD, B (org.). *Os Estóicos*. São Paulo: Odysseus, 2006.

_____. *Estoicismo e medicina*. In: INWOOD, B (org.). *Os Estóicos*. São Paulo: Odysseus, 2006.

INWOOD, B (org.). *Os Estóicos*. São Paulo: Odysseus, 2006.

INWOOD, B.; GERSON, L. P. *Hellenistic Philosophy: Introductory Readings*. Indianápolis: Hackett, 1997.

MOREAU, P-F. *Le Stoïcism au XVIe et au XVIIe Siècle*. Paris: Éditions Albin Michel S.A., 1999.

LONG, A. A. *A tradição socrática: Diógenes, Crates e a ética Helenística*. In: GOULET-CAZÉ, M-O; BRANHAM, R. B. (orgs.). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e seu legado*. São Paulo: Loyola, 2007.

RORTY, R.; SCHNEEWIND, J. B.; SKINNER, Q.; (orgs.). *Philosophy in History: Essays on the Historiography of Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

SCHOFIELD, M. *Ética estoica*. In: INWOOD, B (org.). *Os Estóicos*. São Paulo: Odysseus, 2006.

Brito, Rodrigo
A física da Stoá

SEDLEY, D. *A escola, de Zenon a Ário Dídimos*. In: INWOOD, B (org.). *Os Estóicos*. São Paulo: Odysseus, 2006.

_____. *Os protagonistas*. In: *Revista Índice*, vol. 02, n° 01- 2010/1.

SELLARS, J. *Stoicism*. Berkeley: University of California Press, 2006.

STRIKER, G. *Greek Ethics and Moral Theory*. In: *The Tanner Lectures on Human Values*, 1987.

[Recebido em julho de 2014; aceito em julho de 2014.]